

FACULDADE DE MEDICINA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
PROGRAMA DE MESTRADO EM PSICOLOGIA E SAÚDE

CLEBER PERPÉTUO PINTO MAGALHÃES

FAMERP

**FACULDADE DE MEDICINA
DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO**

***BULLYING E HABILIDADES SOCIAIS EM ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL***

São José do Rio Preto - SP

2020

CLEBER PERPÉTUO PINTO MAGALHÃES

***BULLYING E HABILIDADES SOCIAIS EM ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Saúde, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre.

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. NEIDE AP. MICELLI DOMINGOS

São José do Rio Preto - SP

2020

Magalhães, Cleber P. P.

Bullying e Habilidades Sociais em Alunos do Ensino Fundamental / Cleber P. P. Magalhães -- São José do Rio Preto-SP, 2020.
xii, 34fls.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – FAMERP. Programa de Pós-graduação em Psicologia e Saúde.
Área de Concentração: Psicologia e Saúde.

Bullying and Social Skills in Elementary School Students

Orientadora: Profa. Dra. Neide Aparecida Micelli Domingos

1. Bullying; 2. Habilidades sociais; 3. Ensino fundamental

CLEBER PERPÉTUO PINTO MAGALHÃES

***BULLYING E HABILIDADES SOCIAIS EM ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL***

**BANCA EXAMINADORA
EXAME DE QUALIFICAÇÃO**

Presidente e Orientadora: Prof^a. Dr^a. Neide Ap. Micelli Domingos

Instituição: Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto

1^a Examinadora: Prof^a. Dr^a. Daniela P. P. Gusman

Instituição: Independente

2^a Examinadora: Prof^a Dr^a. Leda Maria Branco

**Instituição: Fundação Faculdade Regional de Medicina de São José Rio
Preto**

São José do Rio Preto, 01/07/2020

SUMÁRIO

Dedicatória.....	iv
Agradecimentos.....	v
Epígrafe.....	vii
Lista de Apêndices	viii
Lista de Figuras.....	ix
Lista de Tabelas	x
Resumo	xi
Abstract.....	xiii
Introdução	1
Objetivo	6
Método	7
Participantes	7
Materiais	8
Procedimento	10
Análise de Dados	11
Aspectos Éticos	11
Resultados e Discussão	12
Conclusão	22
Referências	23

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à todas as pessoas de bem, que fazem e/ou lutam por um mundo livre de desigualdades e preconceitos, por entenderem que essência de uma pessoa está além de seu porte físico, seu tom de pele, sua religião, sua origem, sua identidade sexual ou qualquer outra característica que o possa fazer diferente dos demais.

Aos meus professores desde a pré-escola até aqui, por terem compartilhado comigo parte de seu saber e educação, inspirando-me sempre!

A todos que são ou já foram meus alunos, por me fazerem sentir algo único: a alegria de ensinar e de multiplicar coisas boas.

À minha eterna amiga Solange Belentani (*in memoriam*) que, apesar de já não estar mais entre nós, foi uma das principais pessoas que torceram por esse momento. Seus exemplos e conselhos são atemporais!

À todos que, em algum momento, foram vítimas de *bullying*, cicatrizaram suas feridas e fizeram dessas marcas sua luta em prol a um mundo de bem, espalhando coisas boas e entendendo que essa é a melhor maneira de protestar contra qualquer discriminação.

AGRADECIMENTOS

Reza a lenda, que agradecer é atrair coisas boas! Talvez seja essa que faço questão de me apegar. E, nessa etapa tão importante da minha vida, gostaria de registrar o agradecimento à todos que contribuíram para essa conquista.

À Deus, aos meus pais Elvira e Darci Pinto Magalhães, ao meu companheiro Gilberto Alves, que amo infinitamente e são minha restauração diária.

Aos meus amigos de longa data, por sempre estarem presentes fazendo do mundo um lugar ainda mais especial de ser vivido.

Aos meus colegas de mestrado, em especial: Rafael Primo, Danilo Leão, Denise Feitosa, Cibeli Freitas, Tatiana Minari e Debora Miyazaki, por deixarem cada aula ainda mais especial.

À minha querida orientadora, Prof. Dra. Neide Ap. Micelli Domingos, por ter aceito caminhar comigo essa jornada e por compartilhar suas invejáveis fontes de conhecimento.

Aos demais professores, onde destaco as professoras: Dra. Leda Maria Branco, Dra. Cristina Miyasaki e Dra. Jaqueline Pinto, pelo incentivo mais que especial nessa trajetória e pelo que representam enquanto exemplo de profissionais, de ética e de competência. Nomes esses do qual tive a honra de indicar como membros da Banca Examinadora de minha qualificação e defesa, juntamente com as professoras Dra. Daniela Gusman e Dra. Talita Dias do qual também sou imensamente grato não só pelo aceite, mas pelo trabalho que desenvolvem.

À Secretária de Educação de Santa Adélia, Sandra Simon, pelo belo trabalho que desempenha e por acreditar na importância desse projeto.

Aos diretores, professores e funcionários das escolas participantes dessa pesquisa, pelo carinho e disponibilidade com que me receberam e pela excelência no trabalho que executam

dia após dia. Cito, em especial e de forma representativa os diretores: Neto Zanela, Rosângela Vieira, Elinei Paes, Jonas Zanarelli, Adriana Populi e as secretárias Camila Zanchetta, Karine Murad e Cláudia Aquino. Vocês são brilhantes!

Aos pais e alunos que aceitaram participar desse projeto, por entenderem a importância do tema e contribuírem para a evolução da educação.

Às funcionárias da pós-graduação em Psicologia e Saúde da FAMERP, por sempre se fazerem presentes, cada qual do seu jeitinho, transbordando eficiência e preocupação com cada um dos alunos e por sempre nos acolherem com um lindo sorriso no rosto. Nilmara, Esmeralda e Camila, vocês são fenomenais!

Aos meus colegas de trabalho, atual e anteriores, que sempre torceram por mim e mandaram, inesgotavelmente, ótimas energias e vibrações. Friso, de maneira muito especial, meus atuais diretores: Eduardo Pirré e Felipe Buranello, pelo apoio nessa evolução e pela inquietude em querer fazer sempre o melhor.

À adorável Marcela de Araújo Pinto, por compartilhar seu saber e me auxiliar na tradução do Abstract deste trabalho e seu marido João, pela torcida de sempre.

E a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a conclusão de mais essa etapa da minha vida, seja pelas boas energias e exemplos ou por deixarem claro aquilo que eu deveria superar ou não ser.

*Palavras não são pedras, mas quando atiradas
com força, machucam!*

Desconhecido

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1. Ficha de Identificação do Aluno	29
Apêndice 2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	30
Apêndice 3. Termo de Assentimento	32

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Ciclo do <i>Bullying</i>	4
Figura 2. Frequência de respostas de habilidades sociais (SSRS) de alunos	14
Figura 3. Frequência de respostas de habilidades sociais (SSRS) de professores	14
Figura 4. Frequência de respostas de problemas de comportamento (SSRS) por professores	15
Figura 5. Frequência de respostas de competência acadêmica (SSRS) por professores ..	16

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Escolas e números de alunos sorteados	7
Tabela 2. Número de alunos por série em cada escola selecionada	8
Tabela 3. Amostra por gênero	12
Tabela 4. Amostra por raça	13
Tabela 5. Amostra por idade	13
Tabela 6. Frequência de respostas do EAB-E – Vítima por Idade	17
Tabela 7. Frequência de respostas do EAB-E – Vítima por Série	18
Tabela 8. Frequência de respostas do EAB-E – Agressor por Idade	18
Tabela 9. Frequência de respostas do EAB-E – Agressor por Série	19

Magalhães, C. P. P. (2020). *Bullying* e habilidades sociais em alunos do ensino fundamental. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto/SP.

RESUMO

O *bullying* compreende um conjunto de comportamentos agressivos, em que são praticadas, repetidamente, sem justificativa e de maneira intencional, agressões físicas, verbais, psicológicas e/ou sexual, em que o vitimado se caracteriza em desigual poder, o que impossibilita sua defesa. Aproximadamente um em cada dez estudantes é vítima frequente de *bullying* nas escolas e tem sua conduta mais perceptível a partir da 2ª série, apesar de estar presente desde a tenra idade. **Objetivo:** avaliar alunos do ensino fundamental em relação ao comportamento de *bullying* e habilidades sociais. **Método:** trata-se de uma pesquisa do tipo descritiva transversal. Participaram 79 alunos do Ensino Fundamental, com idade entre sete e 13 anos (2º ao 8º ano), de ambos os sexos, de cinco escolas municipais de Santa Adélia/SP. A seleção foi feita por amostra estratificada, por meio de um sorteio simples. Para a realização da pesquisa foram aplicados dois instrumentos (Escala de Avaliação do *Bullying* Escolar - EAB-E e Inventário de Habilidades Sociais, Problemas de Comportamento e Competência Acadêmica para Crianças - SSRS) e uma ficha de identificação. **Resultados:** a mostra foi composta por 46% de meninos e 54% de meninas e a maioria (29%) estavam na faixa de 13 anos. A auto avaliação de habilidades sociais indicou que 31,39% dos alunos se denominaram abaixo da média inferior, no entanto, a análise realizada pelo professor identificou que 21,27% dos alunos tinham boas habilidades sociais; problemas comportamentais apareceram em 17,22% dos alunos, enquanto para competência acadêmica a classificação foi média para 27,34% dos alunos; há correlação negativa moderada significativa entre habilidades sociais e problemas comportamentais ($r = 0,5280$) e há correlação positiva moderada significativa entre

habilidades sociais e competências acadêmicas ($\Upsilon = 0,6745$). Não houve diferença significativa entre meninos e meninas nas variáveis vítima e agressor. **Conclusão:** Não encontramos diferença entre comportamento habilidoso, ser vítima ou agressor em relação ao gênero dos alunos avaliados. Os alunos se auto avaliam com menos habilidades sociais do que os professores. Ainda identificamos que alunos com maior competência acadêmica apresentam menos problemas comportamentais.

Palavras-chave: *Bullying*; habilidades sociais; ensino fundamental.

Magalhães, C. P. P. (2020). *Bullying* e aspectos psicossociais em alunos do ensino fundamental. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto/SP.

ABSTRACT

Bullying comprehends a set of aggressive behaviors, in which physical, verbal, psychological and/or sexual aggressions are perpetrated, repeatedly, unjustifiably and intentionally, being the victims in unequal power, unable to defend themselves. Approximately, one in ten students is victim to frequent bullying in schools. This conduct becomes more perceptible after 2nd grade, but it is present from an early age. Objective: to evaluate bullying and social abilities in elementary and middle school students. Method: cross-sectional study. The participants were 79 elementary and middle school students, 7-13-year-olds (2nd to 8th grade), males and females, from five municipal schools of Santa Adélia/SP. The selection was a stratified sample, through a simple group draw. For the research, the instruments applied were a school bullying scale (Escala de Avaliação do Bullying Escolar - EAB-E), an inventory of social abilities, behavioral issues and academic competence for children (Inventário de Habilidades Sociais, Problemas de Comportamento e Competência Acadêmica para Crianças - SSRS) and an identification form. Results: the sample was 46% of males and 54% of females, the majority (29%) was 13 years old. The self-evaluation of social abilities indicated that 31,39% of students defined themselves under the low average, however, teacher's analysis identified 21,27% of students with good social abilities; behavioral issues appeared in 17,22% of students, while, for academic competence, 27,34% of students had an average classification; there is significant negative correlation between social abilities and behavioral issues ($r = 0,5280$) and there is significant positive correlation between social

abilities and academic competences ($\gamma = 0,6745$). There was no significant difference between males and females in the variable victim and aggressor. Conclusion: there is no difference between behaviors, being a victim or aggressor, among males and females, in the group of students observed. The students self-evaluate themselves with less social ability than recognized by the teachers. Also, students with higher academic competence present fewer behavioral issues.

Keywords: Bullying; social abilities; primary and middle school.

INTRODUÇÃO

Embora muito discutido atualmente, o *bullying* não é um fenômeno novo. As pesquisas sobre o tema começaram a ser realizadas no início dos anos 70, com a publicação do trabalho de Peter-Paul Heinemann – 1972, e Dan Olweus – 1973 -, professor de psicologia da Universidade de Bergen (Noruega), cuja autoria do termo lhe é atribuída (Gomes & Sanzovo, 2013). A popularização do conceito trilhou-se a partir do suicídio de três adolescentes, entre 10 e 14 anos, na Noruega, em 1982, no qual, segundo apurado, sofriam perseguições dos colegas no ambiente escolar. (Bazzo, 2017). Isso despertou uma considerável preocupação entre o público em geral e a grande mídia, resultando no lançamento de uma campanha nacional contra o *bullying*, criada pelo Ministério da Educação da Noruega, em 1983 (Schott, 2011).

Somente nos anos 80 e início dos 90 é que os estudos referentes ao *bullying* entre crianças em idade escolar começaram a atrair a atenção de outros países, incluindo os Estados Unidos, que tiveram seu primeiro “evento crítico”, registrado em 1999, no chamado “Massacre de Columbine” (Olweus, 2003).

No Brasil, um episódio homólogo ocorreu em 2003, em Taiúva, pequena cidade do interior de São Paulo, onde um jovem, cujo histórico aponta para vitimização crônica na escola, feriu gravemente seis alunos, um funcionário, a vice-diretora e se suicidou (Williams, 2004). Outro episódio semelhante e de repercussão nacional, aconteceu em 2011, na Escola Municipal Tasso da Silveira, situada no bairro de Realengo, no Rio de Janeiro/RJ, em que um ex-aluno adentrou a instituição alegando dar uma palestra, e matou a tiros mais de uma dezena de estudantes, motivado pelo *bullying* sofrido durante sua trajetória escolar. O evento ficou conhecido como “Massacre de Realengo” (Bazzo, 2017).

Para rotular as atitudes de estudantes que usam de valentia ou tirania diante de seus colegas tratados como inferiores, Olweus (2003) utilizou-se do gerúndio do verbo *to bully*, cujo

significado é tiranizar, oprimir, amedrontar ou ameaçar (Rodrigues, 2013). Segundo Fante (2005), outros países adotaram denominações distintas para este fenômeno: “mobbing” na Noruega e Dinamarca, “mobbing” na Suécia e na Finlândia, “harcèlement quotidién” na França, “prepotenza ou bullismo” na Itália, “yjime” no Japão, “agressionem unter shütern” na Alemanha, “acoso y amebaza” entre escolares na Espanha e “maus-tratos entre pares” em Portugal. Entretanto, o termo *bullying* é universalmente conhecido, visando facilitar a comunicação entre povos e, por não existir na língua portuguesa uma palavra que defina propriamente todas essas expressões, o termo inglês também passou a ser utilizado no Brasil.

Sob o aspecto conceitual, o *bullying* compreende um conjunto de comportamentos agressivos, em que são praticadas, repetidamente, sem justificativa e de maneira intencional, agressões físicas, verbais, psicológicas e/ou sexual, em que o vitimado se caracteriza em desigual poder, o que impossibilita sua defesa (Almeida, Cardoso, & Costac, 2009; Monteiro et al., 2017) e não está restrito a nenhum tipo específico de instituição escolar: primeiro, segundo ou terceiro grau, pública ou privada, rural ou urbana.

Bullying pode ser classificado em duas formas: direto, quando as vítimas são atacadas diretamente por meio de apelidos, agressões, roubos, etc. e indireto, que compreende atitudes como isolamento, difamação, indiferença (Neto, 2005). Dentro desse contexto, Fante (2005) classifica os tipos de papéis desempenhados por eles: vítima típica (indivíduo que sofre tais atos de agressão; vítima provocadora (que se caracteriza como o provocador, atrai reações agressivas das quais não consegue lidar com a consequência); vítima agressora (que se refere aos alunos que reproduzem os maus-tratos sofridos e, conseqüentemente, buscam alunos mais frágeis para descontar nelas as agressões sofridas e o agressor ou *bully* (aquele que pratica a violência física ou verbal). Não se descarta, também, a forma de *bullying* conhecida como *cyberbullying*, que vem crescendo com forte intensidade no mundo, por tratar-se do uso da tecnologia da informação e comunicação – redes sociais, smartphones, sites difamatórios –

como recurso para adoção de comportamentos deliberados, repetidos e hostis, com o intuito de causar danos a um indivíduo ou grupo (Neto, 2005).

Para Silva (2015), as formas de *bullying* são exemplificadas da seguinte forma:

- Verbal: insultar, ofender, xingar, fazer gozações, colocar apelidos pejorativos, fazer piadas ofensivas, zoar.
- Físico/Material: bater, chutar, espancar, ferir, beliscar, roubar/furtar ou destruir os pertences da vítima, atirar objetos contra a vítima.
- Psicológico e Moral: irritar, humilhar e ridicularizar, excluir, isolar, ignorar/desprezar ou fazer pouco caso, discriminar, aterrorizar e ameaçar, chantagear e intimidar, tiranizar, dominar, perseguir, difamar, passar bilhetes e desenhos de caráter ofensivo, fazer intrigas/fofocas e mexericos.
- Sexual: abusar, violentar, assediar, insinuar.
- Virtual: calúnias, maledicências.

Naturalmente vemos o cenário do *bullying* configurado em agressores e vítimas. Contudo, outros personagens ganham destaque e desempenham papéis importantes frente a situações de *bullying*, exibindo diferentes tipos de reação e atitudes. Na Figura 1, Olweus (2003) descreve o que chamou de “O Círculo do *Bullying*”, cuja lógica representa as maneiras na qual alunos – em qualquer uma das posições – reagem ou são afetados pelo *bullying*.

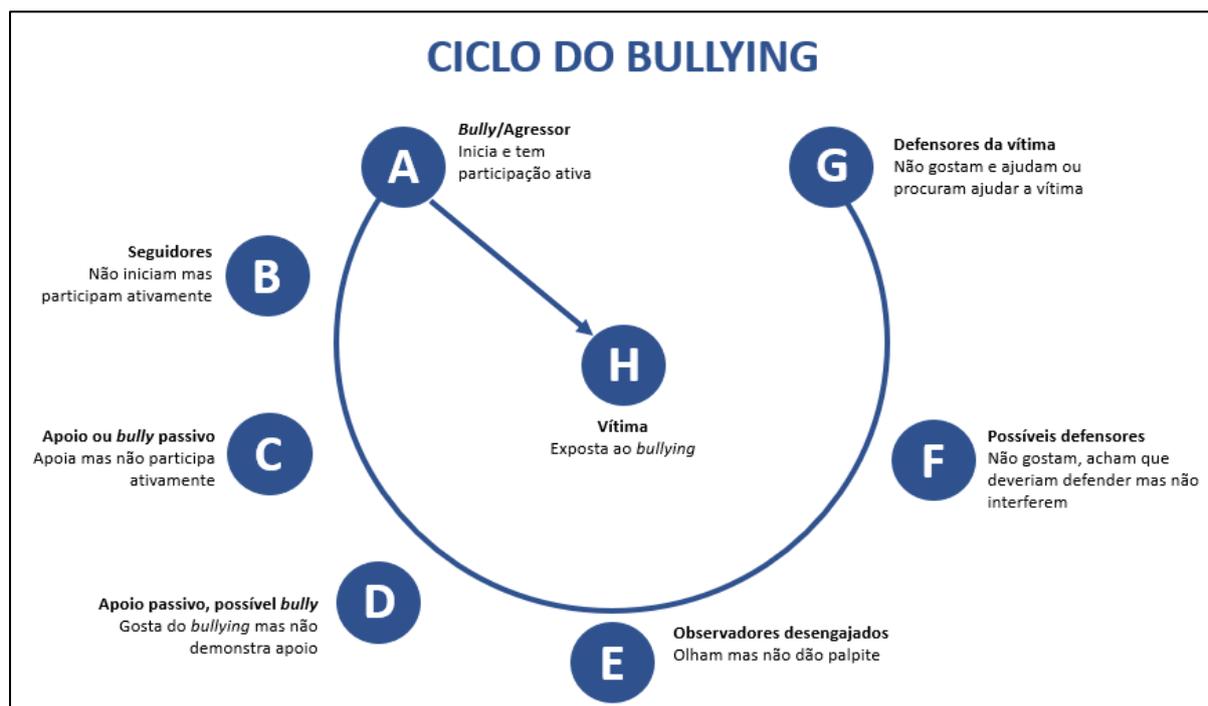


Figura 1

Ciclo do *Bullying* [Fonte: Olweus, D. (2003). A profile of *bullying*. Educational Leadership, march 2003:12-17]

Um levantamento realizado por Malta et al. (2010), no Brasil, com 60.973 alunos de 1.453 escolas públicas e privadas das 26 capitais brasileiras e do Distrito Federal, mostrou que 5,4% dos estudantes entrevistados sofreram *bullying* quase sempre ou sempre nos últimos 30 dias e 25,4% das respostas foram raramente ou às vezes vítimas de *bullying*. O *bullying* é apontado como um problema mundial e que afeta em média 13% dos escolares na faixa dos 11 anos de idade, segundo Relatório Internacional da Organização Mundial da Saúde e tende a aumentar entre as idades de 11 e 12 anos, segundo Matos (2012).

A se considerar que a maior parte dos atos de *bullying* ocorre fora da visão dos adultos, que uma parte significativa das vítimas não reage ou comunicam a agressão sofrida, pode-se entender o porquê de pais e professores terem tão pouca percepção sobre a temática, bem como

subestimam a prevalência dela em seu meio e, por consequência, acabam por atuar de maneira insuficiente na redução e interrupção dessas situações.

Dependendo da característica da vítima, o *bullying* pode provocar sérias consequências a curto e em longo prazo, de acordo com a intensidade e/ou frequência com que esta sofria os ataques, impactando sobre diversas esferas da vida dos envolvidos (Albuquerque, William & D’Affonseca, 2013).

Whitted e Dupper (2008), Batsche e Knoff (1994); Campbell (2004); Spriggs, Iannotti, Nansel e Haynie (2007); Trautmann (2008); Cepeda-Cuervo, Pacheco-Durán, García-Barco e Piraquive-Penã (2008); Lopes-Neto (2005); Craig et al. (2009); Lien, Green, Welander-Vatn, e Bjertness (2009); Orpinas e Horne, (2006); Lamb, Pepler e Craig (2009); Scholte, Engels, Overbeek, Kemp e Haselager (2007), descrevem essas consequências como sendo:

- Emocional: problemas e/ou dificuldades sentimentais, medo, solidão e diminuição da autoestima.
- Psiquiátrica: ansiedade, depressão, ideação ou tentativas de suicídio.
- Psicossomática: dores de cabeça, dores de estômago, enurese (emissão involuntária de urina), tonturas, insônia ou dificuldade pra dormir e dores musculares.
- Social: dificuldades de relacionamento interpessoal e/ou sentimento de ineficácia social. Podem ainda ser presentes: comportamentos agressivos, homicídio a pares na escola, envolvimento com atividades ilícitas (porte de armas ou consumo de drogas).

Segundo (Albuquerque, William & D’Affonseca, 2013), os agressores não estão descartados aos problemas causados pelo *bullying*, podendo apresentar: baixo rendimento escolar, abandono escolar, envolvimento em condutas infracionais, problemas com o sistema legal e abuso de substâncias.

É válido ressaltar o alerta quanto às consequências graves de um ambiente escolar hostil, podendo envolver situações fatais, como as já exemplificadas neste trabalho com os casos de Taiúva/SP e Realengo/RJ.

Os tipos de interação social de alunos nas escolas e seu envolvimento no *bullying* têm despertado a atenção de autores para a relação da experiência de *bullying* e o desenvolvimento das Habilidades Sociais.

Para Silva e Cavalcante (2017), habilidades sociais podem ser descritas como diferentes classes de comportamentos sociais que, em conjunto, formam o repertório de um indivíduo, contribuindo para competência social e o favorecimento de um relacionamento saudável.

Assim, tais habilidades expressam, de forma adequada a cada interação no contexto social: sentimentos, desejos, opiniões ou direitos, levando-se em conta o comportamento dos demais e vindo a solucionar possíveis conflitos imediatos, bem como minimizar os conflitos futuros (Piotto, Medeiros & Glidden, 2018). Para Del Prette e Del Prette (2005) tais habilidades não podem ser entendidas essencialmente como comportamentos de "boas maneiras", mas sim entendidas como um repertório elaborado de comportamentos sociais, indispensáveis para relações interpessoais produtivas e saudáveis, que requer um contínuo processo de aprendizagem (sendo este por vezes informal) e que tem início logo após o nascimento se estendendo por toda a vida do indivíduo.

Objetivo

Este estudo tem por **objetivo** avaliar alunos do ensino fundamental da rede municipal de ensino de um município do interior do Estado de São Paulo em relação ao comportamento de *bullying* e habilidades sociais.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa do tipo descritiva transversal.

Participantes

Participaram do estudo 80 alunos do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Educação do Município de Santa Adélia/SP, com idade entre 7 e 13 anos (2º ao 8º ano),

De acordo com a Secretaria Municipal de Educação de Santa Adélia (2018), 1.124 alunos frequentavam do segundo ao oitavo ano, do período matutino e vespertino, em um total de cinco unidades escolares. Após aplicação dos inventários, a amostra foi composta por 79 alunos, pois um aluno do 8ª ano da escola Adelino Bertolo foi excluído por apresentar idade superior a estabelecida nos critérios de inclusão.

Critérios de Inclusão: alunos aptos à leitura, presentes no dia da aplicação dos testes e estudando há pelo menos três meses na mesma escola.

Critérios de Exclusão: Alunos ou responsáveis que não assinaram o termo de consentimento; alunos que se recusaram a participar; alunos com dificuldades físicas, cognitivas, motoras ou psicológicas que os impediam de responder os inventários autoaplicáveis, pois a aplicação foi realizada de forma coletiva (esses alunos foram indicados pelos professores).

Seleção da amostra: Existem cinco escolas municipais em Santa Adélia/SP, considerando o distrito de Botelho (uma escola). A seleção foi por amostra estratificada conforme Tabela 1.

Tabela 1

Escolas e números de alunos sorteados

Escola	Nº de alunos/Fundamental 2º ao 8º ano	Nº de alunos sorteados	Percentual (%)
EMEF Adelino Honorato Bertolo	426	35	44
EMEF Diego Segura Martins	141	8	10
EMEF Dr. Luiz Dumont	218	12	15
EMEF Iracema de Moraes Marchezini Senhora	96	10	12
EE Giuseppe Formigoni	189	15	19

O pesquisador entrou em contato pessoalmente com a direção da escola explicando os objetivos e procedimentos da pesquisa e solicitou o agendamento de uma melhor data e horário para a realização do estudo.

Em seguida, solicitou a lista de alunos do segundo ao oitavo ano, com idade entre 7 e 13 anos e, por meio de um sorteio simples, fez a composição da amostra de alunos conforme Tabela 2. É importante ressaltar que algumas escolas não possuem as séries mencionadas e, por isso, estão representadas pelo numeral zero. A quantidade de alunos sorteados por série foi baseada em três critérios: número de classes por série, número de alunos e proporção por séries elevadas, onde outros estudos apontam uma recorrência maior de casos de *bullying*.

Tabela 2

Número de alunos por série em cada escola selecionada

Série	Número de alunos por escola				
	EMEF Adelino Honorato Bertolo	EMEF Diego Segura Martins	EMEF Dr. Luiz Dumont	EMEF Iracema de Moraes Marchezini Senhora	EE Giuseppe Formigoni
2	2	2	3	1	0
3	2	2	3	1	0
4	2	2	3	1	0
5	3	2	3	1	0
6	9	0	0	2	4
7	7	0	0	2	7
8	10	0	0	2	4
Total	35	8	12	10	15

Materiais

Para a realização da pesquisa foram aplicados dois instrumentos e uma ficha de identificação:

- Ficha de Identificação do Aluno (Apêndice 1)
- Escala de Avaliação do *Bullying* Escolar (EAB-E) (Camilo, 2014): composta por 47 questões, cujo objetivo é identificar possíveis vítimas ou autores de *bullying*. O

inventário pode ser utilizado por psicólogos clínicos ou educacionais, bem como por qualquer profissional da área da educação, uma vez que não se configura como um teste psicológico e tampouco como um instrumento diagnóstico. Os resultados apresentados, especialmente aqueles acima do percentil 90, devem ser considerados como uma atenção especial à investigação individual e mais direcionada, que possa confirmar a existência do *bullying* (vítimas ou autores). É indicado para alunos e adolescentes de 6 à 20 anos que estejam estudando há pelo menos três meses na mesma escola. A aplicação pode ser individual ou coletiva, sem limite de tempo (variando conforme o nível de leitura). O EAB-E é composto por um formulário com 47 itens, sendo 22 itens para avaliação da de vítimas e 25 para autores.

- Inventário de Habilidades Sociais, Problemas de Comportamento e Competência Acadêmica para Crianças (SSRS) (Gresham & Elliott, 2016): Adaptação brasileira do Social Skills Rating System - SSRS. O inventário tem a finalidade de permitir uma avaliação mais abrangente do repertório de habilidades sociais, além de oferecer indicadores de problemas de comportamento e de competência acadêmica em crianças de 6 a 13 anos. Pode ser aplicado individual ou coletivamente. Os componentes do SSRS incluem três formulários de Avaliação de comportamento (versão para pais, professores e para a criança). Formulário para crianças contém 20 questões; há três alternativas de respostas: “nunca” (0), “algumas vezes” (1) e “muito frequente” (2); tempo de médio de aplicação 30 minutos; Formulário para pais é composto por 38 questões há três alternativas de respostas: “nunca” (0), “algumas vezes” (1) e “muito frequente” (2); tempo de médio de aplicação 20 minutos; Formulário para professores é composto 36 questões há três alternativas de respostas: “nunca” (0), “algumas vezes” (1) e “muito frequente” (2); tempo de médio de aplicação 20 minutos; O SSRS produz escores gerais fatoriais para Habilidades Sociais (pais, professores e auto avaliação);

Problemas de Comportamento (pais e professores) e Competência Acadêmica (professores). A interpretação do escore geral e dos escores fatorais é baseada na posição do respondente, em termos de percentis, comparativamente ao grupo de referência do mesmo gênero e faixa etária.

Procedimento

Para realização do estudo, os alunos selecionados foram encaminhados para uma sala onde receberam informações sobre a pesquisa e puderam dar seu parecer se concordavam em participar. O aluno que concordou recebeu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 2) e Termo de Assentimento (TA) (Apêndice 3) os quais levou para casa para que o responsável desse seu consentimento. Foi estipulado um prazo de 15 dias para a devolução dos Termos. Caso o aluno selecionado não aceitasse participar, um outro fora sorteado.

No dia da aplicação dos instrumentos o aluno deveria entregar os Termos assinados. A criança que não os tivesse devidamente assinados, não poderia participar do estudo. Nesse caso, outra criança seria sorteada e o mesmo procedimento seria realizado (recebimento do TCLE e TA para levar para casa para que o responsável dê seu consentimento e prazo de 15 dias para devolução).

No dia marcado para a aplicação dos instrumentos, os alunos foram conduzidos a uma sala com mesas de apoio e recursos multimídia. A aplicação foi coletiva e, por isso, precisavam estar aptas para leitura. Foram fornecidas as instruções para aplicação dos instrumentos e, posteriormente, a liberação para que respondessem o material.

ANÁLISE DE DADOS

Os dados foram analisados por meio de estatística não paramétrica, pois os dados não apresentaram normalidade. Os testes estatísticos utilizados foram Mann Whitney U, bicaudal, para a análise do teste de Habilidades Sociais entre os alunos, Spearman para correlação, e Kruskal-Wallis para mais de dois grupos. O nível de significância foi estabelecido para um valor de $p \leq 0,05$.

ASPECTOS ÉTICOS

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto sob Parecer nº. 3.264.711 (Anexo 1).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados analisados na pesquisa apontam percentual maior do gênero feminino, conforme Tabela 3.

Tabela 3

Amostra por gênero

Sexo	Nº de recorrência	Percentual (%)
Masculino	36	46
Feminino	43	54

Estudo realizado por Tanikawa e Boruchovitch (2016) sobre monitoramento metacognitivo entre alunos do ensino fundamental também encontraram prevalência do gênero feminino (60,4%).

A mesma variante encontrada no estudo de Santos, Cabral-Xavier, Paiva e Leite-Cavalcanti (2014) que em sua pesquisa sobre prevalência e tipos de bullying em escolares brasileiros de 13 a 17 anos, encontraram em sua amostra uma maior incidência do gênero feminino (54,1%) em relação ao gênero masculino (34,3%). Oliveira et. al (2015), ao pesquisar a associação entre a prática de *bullying* e variáveis individuais e de contexto na perspectiva dos agressores, com participação de 109.104 estudantes, também identificou a prevalência do gênero feminino (52,2%) em relação ao masculino (47,8%).

A raça, por sua vez, foi apontada pela percepção de cada respondente, cujo percentual de recorrência é apresentado na Tabela 4.

Oliveira et. al (2015), encontrou em composição étnica da amostra uma maior prevalência de estudantes pretos e amarelos e menor em pardos.

Tabela 4

Amostra por raça

Raça	Nº de recorrência	(%)
Amarela	2	2,5
Branca	30	38
Indígena	2	2,5
Parda	41	52
Preta	4	5

Em relação às idades dos participantes, 29% tinham 13 anos e 9% tinham sete anos (Tabela 5).

Tabela 5

Amostra por idade

Idade/anos	Nº de recorrência	(%)
7	7	9
8	7	9
9	10	12
10	7	9
11	11	14
12	14	18
13	23	29

A frequência das respostas do questionário de habilidades sociais tanto de crianças quanto de professores identifica as seguintes classes de respostas: altamente elaborado, elaborado, bom, médio inferior e abaixo da média inferior (Figura 2 e 3).

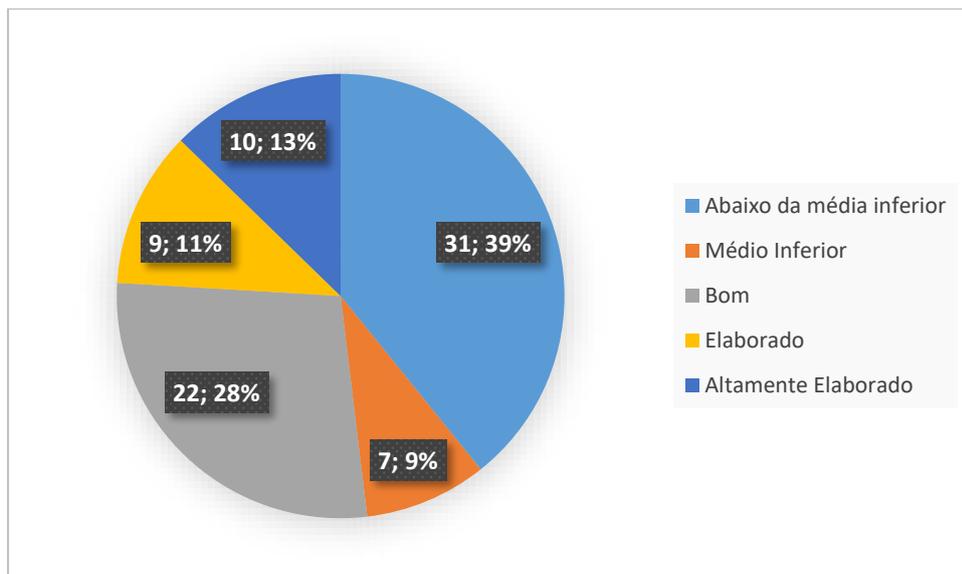


Figura 2

Frequência de respostas de habilidades sociais (SSRS) de alunos

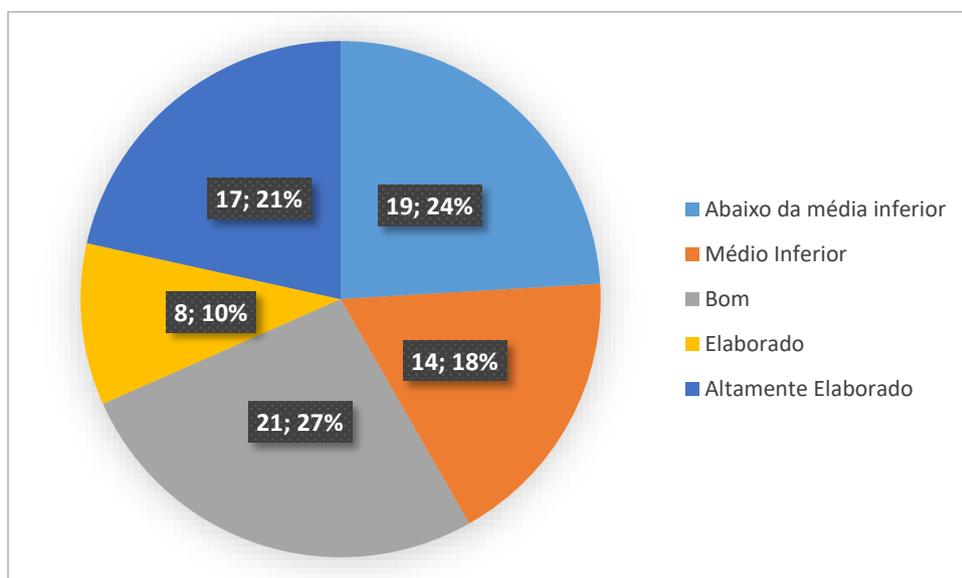


Figura 3

Frequência de respostas de habilidades sociais (SSRS) de professores

Esses resultados indicam diferença estatística significativa ($p = 0,0406$) entre a avaliação sobre habilidade social realizada pelo aluno e pelo professor, ou seja, o professor avalia melhor o aluno do que ele próprio se avalia. Há uma correlação baixa ($r = 0,273$) entre a classificação geral e a habilidade social do aluno, embora a diferença seja significativa ($p = 0,0149$).

Casali-Robalinho, Del Prette e Del Prette (2015) realizaram estudo para avaliar habilidades sociais e problemas de comportamento em crianças do ensino fundamental. A avaliação realizada pelos pais e professores é melhor do que a avaliação realizada pelos alunos.

O inventário SSRS para problemas de comportamento e competência acadêmica são respondidos pelo professor e identifica as seguintes classes de respostas: para problemas de comportamento (acima da média, médio superior, mediano, baixo e muito baixo) (Figura 4) e para competência acadêmica (muito alta, alta, mediana, médio inferior e abaixo da média) (Figura 5).

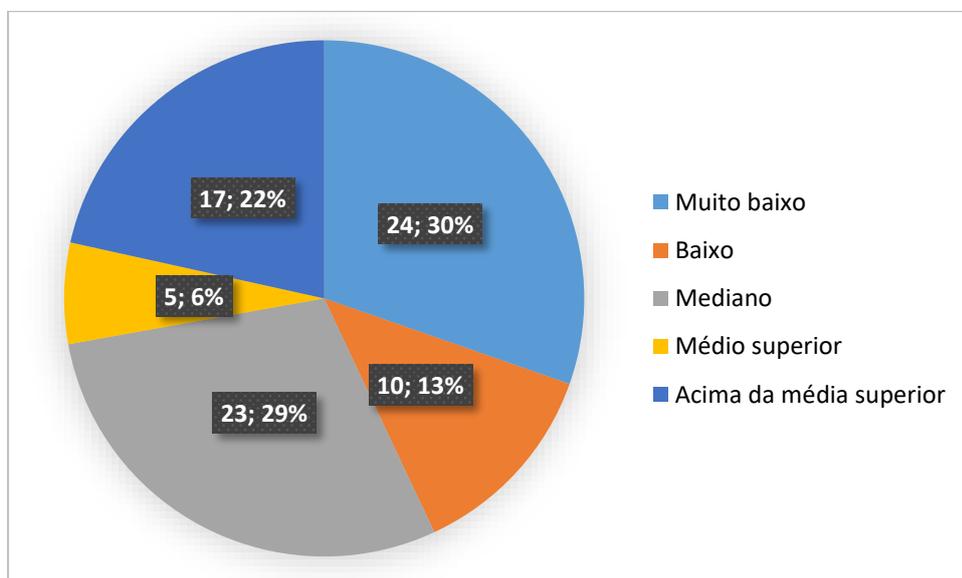


Figura 4

Frequência de respostas de problemas de comportamento (SSRS) por professores

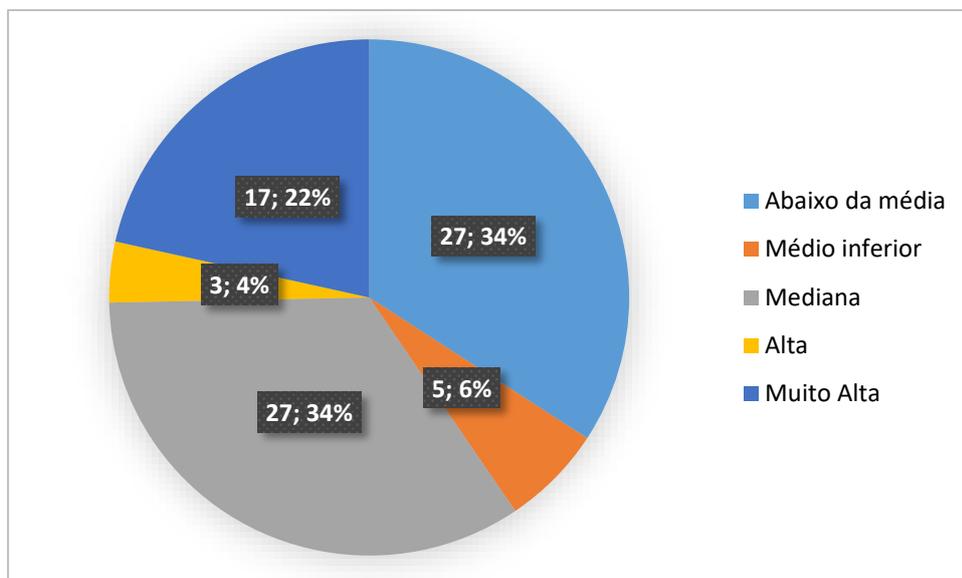


Figura 5

Frequência de respostas de competência acadêmica (SSRS) por professores

Habilidades sociais, problemas de comportamento e competência acadêmica, quando comparados sob a avaliação do professor, não apresentaram uma diferença estatística ($p = 0,4885$), no entanto a correlação entre habilidade social e problemas de comportamento, apresentou uma diferença significativa ($p < 0,0001$) e uma correlação média negativa ($r = -0,5286$), isto é, quanto maior a habilidade social, menor será a incidência de problemas comportamentais; a comparação entre habilidade social e comportamento acadêmico mostrou diferença significativa e correlação positiva moderada ($p < 0,0001$ e $r = 0,6745$) apontando que quanto mais habilidade social melhor o desempenho da competência acadêmica.

Pesquisa realizada por Piotto, Medeiros e Glidden (2018), com 64 alunos e 10 professores de uma escola pública de Santa Catarina para investigar o repertório de habilidades sociais de alunos dos anos iniciais na percepção dos professores, mostrou que os alunos classificados com menos comportamentos inadequados pelos professores, também se

avaliaram mais como bons alunos, assim como os apontados pelos professores com mais comportamentos inadequados, tenderam a se considerar como alunos "mais ou menos bons", apontando uma similaridade na classificação dos professores e na autoclassificação de tais alunos.

Podemos identificar também no inventário de habilidades sociais fatores como assertividade e autocontrole/civilidade. Quando comparamos habilidades sociais gerais, assertividade e autocontrole/civilidade entre gêneros não identificamos diferenças significantes entre eles ($p = 0,8746$; $p = 0,9212$; $p = 0,0738$ respectivamente).

O índice de respostas do teste EAB-E (Escala de Avaliação do *Bullying* Escolar) é apresentado na Tabela 6 que representa o percentual de percepção para vítimas de *bullying* de acordo com a faixa etária e separadas por gênero (masculino e feminino), enquanto a Tabela 7, apresenta tais recorrências de acordo com a série e separadas por gênero.

Tabela 6

Frequência de respostas do EAB-E – Vítima por Idade

Idade	Inferior		Média		Média Inferior		Média Superior		Superior	
	%		%		%		%		%	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
7 anos	0	2	6	5	3	2	0	0	0	0
8 anos	0	0	3	5	0	5	3	0	0	2
9 anos	0	2	8	7	0	0	0	2	3	2
10 anos	0	0	3	5	3	2	0	5	0	0
11 anos	0	2	8	7	0	2	0	5	0	2
12 anos	6	0	8	5	3	5	0	0	0	9
13 anos	6	0	14	5	11	0	3	0	11	12

Tabela 7

Frequência de respostas do EAB-E – Vítima por Série

Série	Inferior %		Média %		Média Inferior %		Média Superior %		Superior %	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
2 ^a	0	2	6	7	3	2	0	0	0	0
3 ^a	0	0	3	5	0	5	3	0	0	5
4 ^a	0	2	8	5	0	0	0	2	3	0
5 ^a	0	2	3	7	3	2	0	5	0	0
6 ^a	0	0	14	7	0	2	0	5	6	5
7 ^a	6	0	8	2	6	5	0	0	3	12
8 ^a	6	0	8	5	8	0	3	0	3	7

Já a frequência de respostas do teste EAB-E voltadas à percepção de agressores, é apresentada na Tabela 8 e Tabela 9, separadas por idade e série, respectivamente e ambas com a separação entre os gêneros.

Tabela 8

Frequência de respostas do EAB-E – Agressor por Idade

Idade	Inferior %		Média %		Média Inferior %		Média Superior %		Superior %	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
7 anos	6	2	3	0	0	5	0	0	0	2
8 anos	0	2	6	7	0	0	0	2	0	0
9 anos	0	7	8	2	3	5	0	0	0	0
10 anos	0	2	3	5	0	2	0	2	3	0
11 anos	0	9	8	5	0	0	0	5	0	0
12 anos	0	5	6	7	3	5	6	2	3	0
13 anos	3	5	20	7	3	2	6	2	11	0

Tabela 9

Frequência de respostas do EAB-E – Agressor por Série

Série	Inferior %		Média %		Média Inferior %		Média Superior %		Superior %		
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
2 ^a	6	2	3	2	0	5	0	0	0	0	2
3 ^a	0	5	6	5	0	2	0	2	0	0	0
4 ^a	0	5	8	2	3	2	0	0	0	0	0
5 ^a	3	5	3	7	0	3	0	3	0	0	0
6 ^a	0	9	14	2	0	2	3	5	3	0	0
7 ^a	0	5	11	7	3	2	6	5	3	0	0
8 ^a	3	2	8	7	3	2	3	0	8	0	0

A análise entre vítima e agressor apresentou uma diferença significativa ($p = 0,0308$). Contudo, na comparação de vítima entre meninos e meninas não existe diferença significativa ($p = 0,0637$), o mesmo acontece em relação ao agressor ($p = 0,2638$), mostrando que tanto meninos quanto meninas podem assumir o papel de vítima ou agressor, como aponta as colunas Superior e Média Superior.

Tais dados vêm ao encontro dos resultados encontrados na literatura. Numa pesquisa realizada por Monteiro et al. (2017), com 300 estudantes da cidade de Parnaíba (PI), não foram apresentados comportamentos de *bullying* quando moderados pelas variáveis sexo e idade dos participantes. Contudo, os resultados corroboram com a pesquisa de Malta et al. (2014), cujo resultado aponta que a chance de sofrer *bullying* é maior em alunos com idade entre 13 anos. Já a prática do *bullying* apresenta maior incidência em alunos mais velhos e do sexo masculino, resultados também encontrados por Berger (2007), Lopes (2005) e Olweus (1993).

Segundo Rech, Halpern, Tedesco e Santos (2013), uma possível explicação para a diferença de sexo entre a classificação "agressores" está no fato de os meninos encontrarem-se numa fase na qual a competição por status e no prestígio entre as meninas aumenta de maneira considerável, levando-os a assumir tais comportamentos de risco. Em sua pesquisa, Rech,

Halpern, Tedesco e Santos (2013) também apontam os escolares mais velhos, do sexo masculino, propensos ao título de agressores, quando comparados aos mais novos.

No que tange ao comparativo de vítima versus habilidades sociais, os resultados apontam que o aluno que se sente vitimizado pode apresentar menos comportamentos de habilidades sociais, ainda que não exista uma diferença significativa ($\Upsilon = -0,001855$ e $p = 0,9871$). O agressor, por sua vez, também se caracteriza com menos Habilidades Sociais, embora haja uma baixa correlação ($\Upsilon = -0,3161$), mas com diferença significativa ($p = 0,0045$).

O agressor quando comparado à habilidade social de autocontrole/civilidade apresentou uma diferença significativa ($p = 0,001$) e uma correlação negativa ($\Upsilon = -0,3639$), o que define que, quanto maior a agressividade, menor é seu autocontrole e civilidade. Resultado semelhante ao apurado em relação à assertividade, cujo comparativo não é significativo ($p = 0,7823$) e apresenta uma correlação negativa ($\Upsilon = -0,031$), ou seja, quanto menor a assertividade, mais agressivo tende a ser esse indivíduo.

Tal resultado corrobora com o encontrado por Terroso, Wendt, Oliveira e Argimon (2016) em que os adolescentes pesquisados demonstraram uma maior dificuldade para comportamentos socialmente hábeis, tanto quanto a empatia, autocontrole, civilidade e desenvoltura social.

A vítima, por sua vez, quando comparada à habilidades sociais de autocontrole/civilidade, apresentou baixa significância ($p = 0,7231$) e correlação ($\Upsilon = 0,040$). O que também demonstra resultado semelhante à assertividade que não apresentou significância ($p = 0,3202$) e correlação ($\Upsilon = 0,1133$). O que denota que, quanto menos habilidades sociais, também menor será o autocontrole e a assertividade.

Terroso, Wendt, Oliveira e Argimon (2016) encontraram resultado semelhante em sua pesquisa, onde os adolescentes que eram vítimas de bullying apresentaram maior dificuldade

nas manifestações de comportamentos socialmente habilidosos relacionados à empatia, autocontrole, civilidade e abordagem efetiva, tanto quanto uma menor frequência de comportamentos relacionados à civilidade.

CONCLUSÃO

Não encontramos diferença entre comportamento habilidoso, ser vítima ou agressor em relação ao gênero dos alunos avaliados. Os alunos se auto avaliam com menos habilidades sociais do que os professores. Ainda identificamos que alunos com maior competência acadêmica apresentam menos problemas comportamentais.

Este estudo apresenta algumas limitações, que se referem à impossibilidade de realizar o teste SSRS com os pais. Entretanto, essa limitação não inviabiliza os resultados, pois o trabalho foi realizado com uma amostra expressiva.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, P. P., Williams L. C. A, & D'Affonseca, S. M. (2013). Efeitos Tardios do Bullying e Transtorno de Estresse Pós-Traumático: Uma Revisão Crítica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29 (1): 91-98.
- Almeida, S. B., Cardoso, L. R. D., & Costac, V. V. (2009). BULLYING: Conhecimento e prática pedagógica no ambiente escolar. *Psicologia Argumento*; 27(58): 201-206, jul.
- Batsche, G. M., & Knoff, H. M. (1994). Bullies and their victims: understanding a pervasive problem in the schools. *School Psychological Review*, 23, 165-175.
- Bazzo, J. (2017). Memórias revisitadas: sobre os testemunhos das vítimas retroativas de bullying no contexto brasileiro. *Revista de Estudios Sociales*, 59, 2017: 56-67.
- Berger, K. S. (2007). Update on bullying at school: Science forgotten? *Developmental Review*, 27, 90-126.
- Campbell, M. A. (2004). School victims: an analysis of 'my worst experience in school' scale. In E. McWilliam, S. Danby, & J. Knight (Eds.), *Performing Educational Research: Theories, Methods and Practices*. (pp. 1-27). *Flaxton*, Australia: Post
- Casali-Robalinho, I. G., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2015). Habilidades Sociais como Predictoras de Problemas de Comportamento em Escolares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(3), 321-330. <https://doi.org/10.1590/0102-37722015032110321330>

- Cepeda-Cuervo, E., Pacheco-Durán, P. N., García-Barco, L., & Piraquive-Penã, C. J. (2008). Acoso escolar a estudiantes de educación básica y media. *Revista de Salud Pública*, 10, 517-528
- Craig, W., Harel-Fisch, Y., Fogel-Grinvald, H., Dostaler, S., Hetland, J., Simons-Morton, B., Molcho, M., Mato, M. G., Overpeck, M., Due, P., & Picket, W. (2009). A cross-national profile of bullying and victimization among adolescents in 40 countries. *International Journal of Public Health*, 54, 216-224.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2005). *Sistema multimídia de habilidades sociais de alunos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fante, C. (2005). *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. São Paulo: Verus
- Gomes, L. F. & Sanzovo, N. M. (2013). *Bullying e Prevenção da Violência nas Escolas: quebrando mitos, construindo verdades*. São Paulo: Saraiva.
- Lamb, J., Pepler, D. J., & Craig, W. (2009). *Approach to bullying and victimization*. *Canadian Family Physician*, 55, 356-360.
- Lien, L., Green, K., Welander-Vatn, A., & Bjertness, E. (2009). Mental and somatic health complaints associated with school bullying between 10 e 12 grade students: results from cross sectional studies in Oslo, Norway. *Clinical Practice and Epidemiology in Mental Health*, 5, 1-8.

Lopes, A. A. N. (2005). Programa de reducción del comportamiento agresivo entre estudiantes. Em C. B. Silva & C. M. Lisboa (Eds.), *Violencia escolar* (pp. 297-335). Santiago de Chile: Universitária.

Lopes-Neto, A. A. (2005). Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81, 164-172.

Malta, D. C., Porto, D. L., Crespo, C. D., Silva, M. M. A., Andrade, S. S. C., Mello, F. C. M., Monteiro, R., & Silva, M. A. I. (2014). Bullying em escolares brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012). *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 17(Suppl. 1), 92-105. <https://doi.org/10.1590/1809-4503201400050008>

Malta, D.C., Silva, M.A.I., Mello, F.C.M.D., Monteiro, R.A., Sardinha, L.M.V., Crespo, C., & Porto, D.L. (2010). Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. *Ciência Saúde Coletiva*, 15(2), 3065-76.

Matos, M.M.N.G. (2012). Prevenção da violência interpessoal em meio escolar: os professores, as famílias e a comunidade também marcam uma diferença? *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 1(1), 65-79.

Monteiro, R. P., Medeiros, E. D., Pimentel, C. E., Soares, A. K. S., Medeiros, H. A., & Gouveia, V. V. (2017). Valores humanos e bullying: idade e sexo moderam essa relação? *Temas em Psicologia*, 25(3), 1317-1328. <https://dx.doi.org/10.9788/TP2017.3-18Pt>

- Neto, A. A. L. (2005). Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81(5, Suppl.), s164-s172. <https://doi.org/10.1590/S0021-75572005000700006>
- Oliveira, W. A. de, Silva, M. A. I., Silva, J. L., Mello, F. C. M., Prado, R. R., & Malta, D. C. (2015). Associações entre a prática de bullying e variáveis individuais e de contexto na perspectiva dos agressores. *Jornal de Pediatria*, 92(1), 32-39. <https://doi.org/10.1016/j.jped.2015.04.003>
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school. What we know and what we can do*. Oxford, UK: Blackwell.
- Olweus, D. (2003). *A profile of bullying*. *Educational Leadership*, march 2003:12-17.
- Orpinas, P., & Horne, A. M. (2006). Bullies and victims: a challenge for schools. In J. R. Lutzker (Ed.), *Preventing violence: research and evidence-based intervention strategies* (pp. 147-165). Washington: *American Psychological Association*
- Piotto, J. C., Medeiros, J. H., & Glidden, R. F. (2018). Relações entre comportamentos inadequados e Habilidades Sociais em alunos dos anos iniciais. *Psicologia Revista*. São Paulo, v. 27, n.2, 401-425.
- Rech, R. R.; Halpern, R.; Tedesco, A., & Santos, D. F. Prevalência e características de vítimas e agressores de bullying. *Jornal de Pediatria*. (Rio J.) [online]. 2013, vol.89, n.2 [cited 2020-03-15], pp.164-170. Available from: <

75572013000200010&lng=en&nrm=iso>.

ISSN

0021-7557.

<https://doi.org/10.1016/j.jpmed.2013.03.006>.

Rodrigues, G. (2013). O bullying nas escolas e o horror a massacres pontuais. *Ponto-e-Vírgula:*

Revista de Ciências Sociais, 0(11). Recuperado de

<https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/13877>

Santos, J. A.; Cabral-Xavier, A. F.; Paiva, S. M.; & Leite-Cavalcanti, A. Prevalência e Tipos de Bullying em Escolares Brasileiros de 13 a 17 anos. *Revista de Salud Publica (Bogota)*; 16(2): 173-83, 2014 Mar-Apr.

Scholte, R. H. J., Engels, R. C. M. E., Overbeek, G., Kemp, R. A. T. de., & Haselager, G. J. T. (2007). Stability in bullying and victimization and its association with social adjustment in childhood and adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 37, 217-228.

Schott, R. (2011). *The life and death of bullying*. 10.1017/CBO9781139226707.011.

Silva, A.B.B. (2015). *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. [2.ed] - São Paulo: Globo

Silva, T. A. S, & Cavalcante, L. I. C. (2017). Habilidades sociais infantis: comparações por gênero, idade e características escolas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v.17 n.2, UERJ, Rio de Janeiro.

- Spriggs, M. A., Iannotti, R. J., Nansel, T. R., & Haynie, D. L. (2007). Adolescent bullying involvement and perceived family, peer and school relations: commonalities and differences across race/ethnicity. *Journal of Adolescent Health, 41*, 283-293.
- Tanikawa, H. A. M., & Boruchovith E. (2016). Monitoramento Metacognitivo de alunos do Ensino Fundamental. *Psicologia Escolar e Educacional, São Paulo, v.20. n.3. Set/Dez 2016: 457-464.*
- Terroso, L. B., Wendt, G. W., Oliveira, M. S., & Argimon, I. I. L. (2016). Habilidades sociais e bullying em adolescentes. *Temas em Psicologia, 24*(1), 251-259.
<https://dx.doi.org/10.9788/TP2016.1-17>
- Trautmann, A. M. (2008). Maltrato entre pares: o “bullying”. Uma vision actual. *Revista Chilena de Pediatría, 79*, 13-20.
- Whitted, K. S., & Dupper, D. R. (2008). Do teachers bully students? Findings from a survey of students in an alternative education setting. *Education and Urban Society, 40*, 329-341.
- Williams, L. C. A. (2004). Violência e suas diferentes representações. In: G. C. Solfa, (Ed.), *Gerando cidadania: Reflexões, propostas e construções práticas sobre direitos da criança e do adolescente.* (pp. 141-153). São Carlos: Rima.

APÊNDICE 1**Ficha de Identificação do Aluno**

NÃO PRECISA SE IDENTIFICAR COM O NOME – APENAS COM OS DADOS SOLICITADOS. OBRIGADO!!!

DATA DA APLICAÇÃO: ____/____/____

1. Nome da Escola:

2. Data de Nascimento: ____/____/____

3. Idade: _____

4. Sexo: masculino () feminino ()

5. Faça um **X** no quadradinho que indica em que ano você está:

2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º
----	----	----	----	----	----	----	----

APÊNDICE 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO

Idade:

Sexo: () masculino () feminino

Cidade:

II – DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

1. Título do projeto: *Bullying* e Aspectos Psicossociais em Alunos do Ensino Fundamental

2. Pesquisadora: Neide Aparecida Micelli Domingos

Cargo/Função: Profa. Adjunta

Endereço: Av. Brigadeiro Faria Lima 5416

CEP: 15090-000

FONE: (17) 3201-5842

3. Aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FAMERP - Parecer: nº

4. Duração da pesquisa: um ano

III – EXPLICAÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo principal identificar possíveis vítimas e agressores de *bullying* e sua associação com habilidades sociais, comportamentais e competências acadêmicas de alunos do ensino fundamental das escolas públicas de Santa Adélia/SP.

Para a realização do estudo, o aluno deverá preencher uma ficha de identificação (sem nome, apenas dados gerais); responder alguns questionários, tais como: escala de avaliação do *bullying* escolar e de habilidades sociais.

O risco em participar desta pesquisa é mínimo podendo gerar apenas desconforto para o aluno.

Você poderá no decorrer da pesquisa, solicitar esclarecimentos sobre a forma de aplicação dos questionários e inventários, riscos, benefícios ou outros assuntos relacionados com a pesquisa.

Os dados coletados nesta pesquisa serão utilizados para apresentação de trabalhos em eventos e publicações científicas.

Você tem toda liberdade para recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem que isto lhe traga prejuízo. A sua identidade será preservada.

Em caso de dúvidas ou problemas com a pesquisa você pode procurar a pesquisadora responsável Dra. Neide A. Micelli Domingos pelo e-mail micellidomingos@famerp.br ou ainda pelo telefone: 3201-5842.

Para maiores esclarecimentos, o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da FAMERP (CEP/FAMERP) está disponível no telefone: (17) 3201-5813 ou pelo email: cepfamerp@famerp.br, no horário de funcionamento das 7:30 às 16:30h de segunda à sexta-feira.

Este documento foi feito em duas vias, ficando uma com você e outra com o pesquisador deste estudo, tendo colocado minha rubrica (assinatura) em todas as páginas deste Termo.



Declaro que entendi este TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Pesquisador

Participante

APÊNDICE 3

TERMO DE ASSENTIMENTO

O QUE É ESSA PESQUISA?



Você gostaria de participar de um estudo?

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “*Bullying* e Aspectos Psicossociais em Alunos do Ensino Fundamental”. Eu, Cleber Magalhães sou responsável pelo estudo. Nesta pesquisa estamos estudando como você lida com situações que te deixam nervoso ou irritado ou estressado.

COMO SERÁ?

Você deverá responder três questionários que não tem respostas certas nem erradas. Isso será realizado em uma sala juntamente com outros colegas. Eu estarei o tempo todo junto com você para tirar suas dúvidas.

NINGUÉM VAI SABER!

Nós não vamos contar para ninguém que você está participando do estudo e nem vamos colocar seu nome em lugar nenhum. Somente o adulto responsável por você vai saber, porque ele também irá assinar a autorização para você participar!

VOCÊ PARTICIPA SE QUISER!

Mesmo se o adulto responsável por você autorizar, você não precisará participar se não quiser. E você pode sair do estudo a qualquer momento.

O QUE VOCÊ PRECISA FAZER?

Se você quiser participar você terá que assinar este Termo e comparecer no dia e hora que iremos marcar para responder os questionários.

RISCOS E BENEFÍCIOS

Durante a pesquisa, é possível que você sinta: ansiedade ou fique nervoso ou tenha dúvidas para responder algumas questões por não compreender alguma palavra, mas irei esclarecer caso isso aconteça.

CONTATO DO PESQUISADOR

Em caso de dúvidas ou problemas com a pesquisa você pode procurar a **pesquisadora responsável** Dra. Neide Aparecida Micelli Domingos , no telefone: 3201-5842. Se você achar que a equipe do estudo fez algo errado com você, é só entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da FAMERP (CEP/FAMERP) que também poderá te atender no telefone: (17) 3201-5813 ou pelo e-mail: cepfamerp@famerp.br, no horário de funcionamento das 7:30 às 16:30h de segunda à sexta-feira, na Avenida Brigadeiro Faria Lima, 5416, em São José do Rio Preto.



Este documento foi feito em duas cópias, ficando uma comigo e outra com o pesquisador deste estudo, tendo colocado minha assinatura em todas as páginas deste Termo.

Declaro que entendi este TERMO DE ASSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo.

Participante da Pesquisa

(Assinatura e data)